

## **POESIA: EXPERIÊNCIA ERÓTICA? RESPOSTAS MASCULINAS HOJE**

**Angélica Soares**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

### **RESUMO**

Este ensaio apresenta uma abordagem crítica de poemas de Armando Freitas Filho, Paulo Leminski, Gilberto Mendonça Teles e Max Martins nos quais, ao se recriar literariamente a atividade erótica, se faz uma reflexão sobre a própria natureza do fenômeno literário, impondo-se ambos como experiências inseparáveis.

Pela identificação com o erotismo, intensifica-se na poesia o seu poder questionador da essência humana e agenciador do sentimento de continuidade em substituição ao isolamento, bem como sua natureza geradora, transbordante e conectante — traços também caracterizadores da vigência de Eros.

Aqui selecionamos, da produção lírica de autoria masculina contemporânea, alguns momentos em que, ao se recriar literariamente a atividade erótica, se faz uma reflexão sobre a própria natureza do fenômeno literário, impondo-se ambos como experiências inseparáveis. Através dessa identificação com o erotismo, intensifica-se na Poesia o seu poder questionador da essência humana e agenciador do sentimento de continuidade em substituição ao do isolamento, bem como sua natureza geradora, transbordante e conectante — traços também caracterizadores da vigência de Eros.

“Mademoiselle Furta Cor I”, de Armando FREITAS FILHO, põe em tensão a consciência literária do erotismo e a consciência erótica do literário, trazendo-nos o sentido do conhecer, enquanto co-nascer, nascer com o outro, nas ações de espreitar, desvendar, cravar, penetrar, adentrar, exprimir, escrever:

Por esta fresta te espreito  
 Por esta fenda te desvendo  
 Por esta fresta

cravo

sonda contra esponja,  
 e babo

e te penetro

teso e reto, e por inteiro  
 o seu corpo se entreabre:  
 porta e perna, caixa e coxa.  
 Por esta fenda

tenda

de pele que se franze,  
 e rasga

eu me adentro

feito de espera e de esperma:  
 e espremo — te aperto — e exprimo  
 toda a cor da carne do amor que escrevo.

Por esta fresta me espreito  
 Por esta fenda me desvendo<sup>1</sup>.

A “sonda”, que metaforicamente remete para o órgão sexual masculino, também conduz para o sentido de sondagem, que redimensiona psicológica e existencialmente a relação, na qual cada um dos parceiros se completa no outro (veja o jogo entre os dois primeiros e os dois últimos versos), assim como o erotismo se completa no literário e vice-versa; o que vem fortemente indicado na formulação do poeta “... e exprimo/toda a cor da carne do amor que escrevo”, a nos permitir entrever a literatura como corpo, no qual se exprime e se aperta a expressão, em busca do contato maior, questionador do Ser.

A repetição da coordenativa “e” marca textualmente a construção acentuadamente lírica do poema e, ao mesmo tempo, revestindo-se de uma função que ultrapassa o espaço textualizado, remete para o desejo de continuidade, que mobiliza as ações de Eros.

A disposição gráfica dos versos imprime-lhes um ritmo, que foge aos esquemas pré-fabricados e se apresenta como forma de figurização plástica dos movimentos de penetração e adentramento, também referidos morfo-semanticamente.

<sup>1</sup> FREITAS FILHO, Armando. Mademoiselle furta-cor. I. In: SAVARY, Olga (org.), Carne viva, primeira antologia brasileira de poemas eróticos. Rio de Janeiro: Anima, 1984. p. 78.

As aliteraões, através das quais se constrói quase todo o poema, nos trazem a sensação dos ruídos, ora vibrantes, ora sussurrantes do ato de amar-escrever o amor, numa linguagem concentrada, assim como se concentram as imagens eróticas, a se introduzirem sempre pelo lírico refrão "Por esta fresta/ Por esta fenda".

Com a Poesia de Armando Freitas Filho refaz-se metaforicamente o contato carnal, que é, ao mesmo tempo, contato com a linguagem erotizada.

Paulo LEMINSKI com "Escura a rua", constrói, identificando o "eu" e a paisagem, a tensão entre o desejo erótico e o literário, ambos realizando-se em uma explosão:

escura a rua  
 escuro  
 meu duro desejo  
 duro  
 feito dura  
 essa duna  
     donde  
 o poema  
     uma  
         esp  
             uma  
         doendo  
 ex  
     pl  
         ode<sup>2</sup>.

Enquanto explosão, a referida tensão se realiza num lançar-se para fora, indicado pelo "ex" do ex/pl/ode, que aparece sintomaticamente ressaltado pela fragmentação da palavra. E faz sobressair também o caráter lírico atribuído ao desejo que, já sugerido pelas aliteraões, no último verso se indica pela alusão à "ode". O poema, embora estruturado assimetricamente, o que o desvia daquele tipo de composição, mantém o sentido do canto, ao qual se dedicava a ode, em suas origens.

Se observarmos a insistência, até o 12.º verso ("doendo"), dos sons vocálicos fechados e os confrontarmos com a abertura da vogal tônica do último verso ("ode"), podemos indicar no poema, dois grandes movimentos: um primeiro, em acordo com a concentração semântica na referência à obscuridade, que nos remete à idéia de dificuldade (veja "doen-

2 LEMINSKI, Paulo. In: SAVARY, Olga... p. 298.

do”), na busca de satisfação do desejo e de construção da imagem e um segundo movimento, de clarificação, de alcance da catarsis poética e da satisfação erótica. Cabe ao poeta, portanto, romper a escuridão, fazer explodir os limites da língua, que são também as limitações do desejo.

A referência à explosão do poema, através de um elemento natural (“duna”), dirige-nos a atenção para a capacidade produtiva da natureza (“naturans”), que ultrapassa o já existente (“natural”). Assim, “duna” e “desejo” são possibilidades de manifestação da Poesia. Assim, se fica mais próximo do sentido de *poiein*, que tanto compreende as qualidades ativas das potências, quanto a potência humana, produtora de vida. A poesia, identificada com a força de Eros, melhor nos remete para esse caráter gerador.

Em “Arte de amar”, que é também arte de construir versos, de Gilberto Mendonça TELES, nos deparamos com a mesma identificação entre corpo e poesia:

3. Abro o espaço da fome e me abasteco  
das coisas mais comuns.

Sou trivial e sóbrio, mas faminto.  
Amo o jogo das tripas e dos tropos  
e todo dia excito a competência  
da língua retorcida como um búzio  
nas vésperas da posse.

8. E sete vezes sete (e mais a conta  
dos números do mito) arremeti  
meus dardos contra os muros  
dessa tebas morena de mil olhos.

E sete vezes sete (e mais o fôlego  
dos gatos guturais) recomecei  
o gesto natural da minha flauta  
que a chuva modulava no alicerce,  
como a canção de amor que principiava  
pelas curvas do ventre nos espelhos<sup>3</sup>.

Aí, o fazer poético aparece como necessidade orgânica e, por isso, “natural” (14.º verso citado), processando-se pela excitação “da língua retorcida como um búzio/nas vésperas da posse”. A opção pela ambigüidade da imagem, traz-nos a ambivalência de “língua”: código, discurso e, ao mesmo tempo, fonte de prazer erótico. Por ela, experimentam-se o gosto e a satisfação da “fome” do poetar e do amar.

3 TELES, Gilberto Mendonça. Arte de amar (fragmentos). In: .... Poemas reunidos. Rio de Janeiro, Olympio/Brasília, INL, 1978. p. 40-43.

A aproximação fônica de “tripas” e “tropos”, num recurso paronomásico, introduz a aproximação semântica requerida pelo poeta.

No oitavo segmento, é pela convocação do mito que o poeta, Anfião da palavra, nos transmite a sensualidade do exercício diário de edificação literário — amorosa. E essa tebas — poema, antropomorfizada, torna-se uma “morena de mil olhos”. E o modular da “chuva” no “alicerce”, simultaneamente poético e erótico, se assemelha a “curvas do ventre nos espelhos”.

O trabalho literário erotizado é a forma encontrada pelo poeta para garantir o “fôlego” do contínuo recomeçar. Como os “gatos guturais”, ele incorpora a simbologia das sete vidas, multiplicadas.

De Max MARTINS, ressaltamos “jaculatório és”, onde, através de uma construção lírico-dramática um “eu”, ao expressar-se enquanto construtor de versos, se dirige a uma segunda pessoa, o próprio verso, imprimindo neste uma percepção erótica:

Jaculatório és  
                    meu verso: pênis  
ponta do olho atinge o olho  
                                            o olho  
que te pariu, meu verso  
reverso  
atrás da seta  
que te conduz  
                    condiz  
                            à queda  
A força do repuxo  
catapulta expulsa  
                    alcança a ilha: Terra!  
— teu país — paul  
                    lá onde  
a tua oração  
                    ereção  
                            deságua<sup>4</sup>.

O poeta traz-nos a imagem do verso que se lança dos genitais, em movimentos de expulsão, que são vividos como parto ou como ejaculação, ressaltando-se, assim, o caráter gerador, próprio da literatura.

4 MARTINS, Max. In: SAVARY, Olga ... p. 254.

Em jactos se faz o poema, em jactos se distribuem os versos no papel, assimetricamente, acompanhando o apelo semântico da queda (após a satisfação — produção) e do desaguar (momento de completação do ato erótico-literário).

A aproximação fônica, num processo de palavra — puxa palavra (“verso” — “reverso”, “conduz” — “condiz”, “cata-pulta” — “expulsa”, “oração” — “ereção”, “país” — “paul”) grava, no poema um ritmo que pode ser fruído como o de jactos do desaguar.

Por um processo paronomásico aproximam-se semanticamente “ereção” e “oração”: corpo e escrita, numa erotização do verso, geograficamente situada em terra — firme (“a ilha”), que é, ao mesmo tempo, pântano (“país — paul”). Parece-nos querer falar Marx Martins da busca, inquietante e sempre insatisfeita de Eros e do próprio poeta, na procura incessante de novos caminhos de satisfação.

A partir desta seleção da lírica contemporânea é importante ressaltar que esse processo amalgâmico entre literatura e erotismo não é exclusivo de visões masculinas, constituindo também a temática de poemas eróticos de autoria feminina. E, se os aspectos da vivência erótica poematizados se diferenciam, o investimento no fato de que a experiência literária (qualquer que seja o tema escolhido) é sempre experiência erótica vem-se tornando uma constante no poema erótico hoje.